

Escrevendo nossas próprias vidas

Itamar Freitas

Margarida Maria Dias de Oliveira

No capítulo anterior, discutimos a criação e o gerenciamento de biografias no Ensino de História. Nesta seção, lembramos que a maneira mais coerente e produtiva de aprender a empregar e/ou construir escritos de vida é narrar a própria vida.

O “como escrever” nossa própria vida foi retirado de autores citados nos capítulos 3 e 4: Sally Cline, Carole Angier, Martine Ruchat, Michel Angrosino, Bell Hooks e Aristóteles. Não se trata de novo conjunto de estratégias. Os princípios e procedimentos desses autores nos servem muito mais para lembrar e aplicar princípios e procedimentos já conhecidos por todo graduando em História e que tratam da justificação da História como ciência ou (se assim quiserem) da justificação do conhecimento histórico como verdadeiro cientificamente.

Retomaremos estes princípios ao final do tópico. Agora, vamos ao trabalho de construção de notas autobiográficas. Daremos como exemplo as nossas próprias experiências que, esperamos, sejam seguidas por vocês, neste primeiro momento.

Observem o quadro 5.1. Nele, apresentamos as etapas da construção de uma nota autobiográfica que, basicamente, obedece a regras clássicas de narração, como a descrição do biografado e a demarcação do episódio indicador de mudança de sorte. No quadro 5.2, as mesmas etapas são acompanhadas de exemplos. No quadro 5.3, apresentamos os resultados, ou seja, a nota autobiográfica finalizada. Sugerimos que vocês escrevam em torno de 20 parágrafos com até 100 palavras cada um, nesse experimento inicial

Quadro 5.1 – Etapas de construção de uma nota biográfica

1. Estabeleça a finalidade da sua narrativa que corresponde a um objetivo de aprendizagem ou a uma expectativa de aprendizagem no Ensino de História.
2. Planeje o tempo abrangido pelo escrito.
3. Escreva um roteiro sobre a vida que você quer contar.
4. Estabeleça começo meio e fim da narrativa. Discrimine o segmento que vai do início à mudança de sorte do personagem (nó) e o segmento que vai da mudança de sorte ao final da narrativa (desenlace).
5. Estabeleça os episódios exteriores ao argumento, descrevendo cada acontecimento em uma proposição.
6. Escreva o início. Pode começar pelos dias atuais e voltar logo ao esquema cronológico. Se estiver em dúvida, siga a tradição, tratando logo da sua infância ou do seu nascimento. *Ex.: Fui criado em uma família de trabalhadores. Minha mãe era costureira e meu pai eletricitista. Nasci no Rio de Janeiro...*
7. Escreva o final. Lembre-se do final do roteiro que você escreveu. Lembre-se do objetivo da sua narrativa e anuncie a sua mensagem, sinteticamente.
8. Escolha um título para a sua autobiografia, cujas características incluam: brevidade, potencial de retenção pelo leitor, atratividade, e potencial de sintetizar o conteúdo do escrito de vida.
9. Desenvolva os episódios intermediários e finalize o seu escrito de vida. Depois disso, é só planejar os usos que fará dele.

Quadro 5.2 – Etapas de construção de uma nota biográfica com exemplificações

1. Estabeleça a finalidade da sua narrativa que corresponde a um objetivo de aprendizagem ou a uma expectativa de aprendizagem no Ensino de História. Lembre-se das pistas de Aristóteles: fornecer algum prazer, fornecer alguma informação, descrever vícios, descrever virtudes, convencer sobre a verdade de um fato, convencer sobre a justiça da ação de alguém etc. *Ex.: Ao final da leitura, vocês deverão ser capazes de compreender os graus de intervenção de fatos gerais da política nacional na identidade individual de pessoas comuns, mediante a leitura de autobiografias.*
2. Planeje o tempo abrangido pelo escrito. Se você vai abordar um tema/problema condicionado pelo interesse do aluno ou, ao contrário, se deliberadamente quer que eles reflitam sobre determinado tema que você julga ser o fundamental na sua vida, você estará livre para escolher uma parte da sua vida e/ou da vida dos indivíduos interagentes na sua memória, um período de vida a duração de um acontecimento, apenas. *Ex.: Vou narrar o período delimitado entre o meu nascimento e a aquisição do doutorado.*
3. Escreva um roteiro sobre a vida que você quer contar. *Ex.: Itamar era filho de trabalhadores pobres. Experimentou infância e adolescência comuns. A derrota do seu candidato preferido à presidência da República modificou radicalmente o seu modo de fazer política e a sua visão sobre a percepção dos pobres acerca do valor da organização coletiva.*
4. Estabeleça começo meio e fim da narrativa. Discrimine o segmento que vai do início à mudança de sorte do personagem (nó) e o segmento que vai da mudança de sorte ao final da narrativa

(desenlace). Ex.: *Nó - Da descrição da família de trabalhadores até a derrota de Luís Inácio Lula da Silva para Fernando Collor de Melo; Desenlace – Da derrota de Luís Inácio Lula da Silva até o ostracismo intelectual precoce.*

5. Estabeleça os episódios exteriores ao argumento, descrevendo cada acontecimento em uma proposição.

Fui criado em uma família de trabalhadores.

Nasci no Rio de Janeiro, um mês depois do golpe militar de 1964.

Vivi o melhor e o pior dos cinco filhos deste casal.

Meu pai era um alcóolatra que maltratava a família.

Fui bem-sucedido nas escolas onde passei.

Abandonei o curso técnico e me tornei tocador de violão.

Meu pai morreu cirrose.

Voltei a estudar depois da derrota de Lula para Fernando Collor.

Cursei com facilidade a graduação.

Fui atraído à docência pelas condições de trabalho na Universidade

Fiz cursos de pós-graduação.

Tenho dois diplomas de doutorado, mas o reconhecimento ainda não veio.

Sempre estraguei tudo.

Tenho certeza de que ainda serei famoso.

Não desperdiçarei a próxima oportunidade.

6. Escreva o início. Pode começar pelos dias atuais e voltar logo ao esquema cronológico. Se estiver em dúvida, siga a tradição, tratando logo da sua infância ou do seu nascimento. Ex.: *Fui criado em uma família de trabalhadores. Minha mãe era costureira e meu pai electricista. Nasci no Rio de Janeiro...*
7. Escreva o final. Lembre-se do final do roteiro que você escreveu. Lembre-se do objetivo da sua narrativa e anuncie a sua mensagem, sinteticamente. Ex.: *(...) hoje, professores universitários, empresários, advogados e médicos bem-informados teriam também as suas limitações, pois grande parte da população que votou em Fernando Collor para presidente foi reproduzida nos últimos 30 anos e agora, pelos mesmos motivos existenciais, cognitivos e emocionais, acompanha o presidente Jair Messias Bolsonaro e suas sandices. A consequência mais perversa da desigual distribuição de renda no Brasil é a geração de bolsões de miseráveis intelectuais.*
8. Escolha um título para a sua autobiografia, cujas características incluam: brevidade, potencial de retenção pelo leitor, atratividade, e potencial de sintetizar o conteúdo do escrito de vida. Ex.: *Filha do acaso e do ideário político de uma geração militante: a vida do professor Itamar Freitas.*
9. Desenvolva os episódios intermediários e finalize o seu escrito de vida. Depois disso, é só planejar os usos que fará dele.

Quadro 5.3

Filho do acaso e do ideário político de uma geração militante: a vida do professor Itamar Freitas.

Fui criado em uma família de trabalhadores. Minha mãe era costureira e meu pai eletricitista. Nasci no Rio de Janeiro, um mês depois do golpe militar de 1964. Dele, é claro, nada lembro. Mas sei que a experiência foi traumática para meu pai, que sempre fugia desse assunto, dizendo: “os pobres que protestaram foram presos e os filhos de papai receberam a proteção das autoridades.”

Dos cinco filhos desse casal, vivi o melhor e o pior. Nunca faltaram material escolar, farda e escola boa. Fome nunca passei. Mesmo na adolescência, fui proibido de trabalhar. Meu pai queria um engenheiro na família e minha mãe desejava que eu fosse oficial da Marinha.

Meu pai, traumatizado com viuvez anterior mal resolvida, bebeu todo o álcool que lhe estava reservado para as próximas três gerações. Humilhava constantemente a minha mãe e a expulsava de casa em seus piores momentos de frustração.

Nessas ocasiões, como filho mais velho, sempre a acompanhava, pois mulher sozinha à noite, nos anos setenta do século passado, era taxada de prostituta, até mesmo pelos policiais. Eventualmente, nesses momentos, minha mãe falava de educação.

Fui bem-sucedido pelas escolas que frequentei: no grupo, no ginásio e no segundo grau. “Tinha a memória boa”, diferente da minha irmã, dizia a minha mãe. Possuía uma mãe idealista em relação à educação escolar: “Estudando, vocês não terão a vida sacrificada que tive até aqui”, ela dizia.

Só precisei me assentar na cadeira e estudar, de verdade, quando entrei para Escola Técnica. Física e Matemática eram um terror. Mas História, Geografia e Moral e Cívica eu tirava de letra. Até recebi medalhas por dois anos seguidos.

Aos 16 ou 17 anos, não lembro bem, abandonei o curso técnico e me tornei tocador de violão. Meu pai havia morrido de cirrose e, finalmente, todos foram “obrigados” a trabalhar. Minha irmã mais velha virou operária de fábrica e minha mãe ganhou uns trocados como lavadeira de burgueses.

Todos sobreviveram. Só não estudou quem não quis. Mas apenas eu consegui diploma de graduação em uma universidade pública.

Voltei a estudar aos 26 anos, depois de militar alguns anos em associações de moradores, reivindicando políticas mais justas para educação e saúde.

Larguei o movimento depois de amedrontar prestígio político entre os pedreiros e carpinteiros que moravam no segundo pior lugar da “Grande Aracaju”: o Loteamento Jardim Vila Piabeta.

Após de algumas poucas conquistas em termos de equipamentos urbanos e de boas respostas do coletivo aos protestos que organizei frente a instituições do Estado e do Município, conclui que os companheiros estavam mais que conscientes sobre o verdadeiro opressor.

Somente depois percebi que entre identificar claramente o opressor e mobilizar-se para anulá-lo pelas instâncias político-partidárias convencionais havia uma grande distância. Para os companheiros, todos os políticos eram iguais, mas o voto deles valiam alguma coisa. No final, eles ganhavam algum bem material e mantinham a palavra: “Eu votei no sinhô”!

Assim, nas eleições para presidente da República, os meus mais ardorosos companheiros de associação depositaram em grosso os seus votos no homem mais bonito de Alagoas, recebendo em troca algumas cestas básicas, filtros d’água e colchões para dormir. Neste momento, percebi a estreiteza das minhas e ideias políticas e rumei à Universidade.

Cursei com facilidade a graduação. Era trabalho fácil, diante do que conhecia fora da Universidade. Me estimulavam o amplo conhecimento das coisas do mundo e a legitimação da autoridade científica fornecida pela instituição.

Também era atraído pelas condições de trabalho dos meus mestres. Ganhavam muito, esforçavam-se pouco pelos alunos. Dedicavam míseras horas na graduação e praticamente não se engajavam em atividades de pesquisa e extensão.

Deixei o emprego de eletricitista por dois anos. Investi no curso de graduação. Fiz cursos de pós-graduação, um em cada instituição. Experimentei políticas educacionais de diferentes estados.

Vivi todo o esplendor educacional dos governos do Partido dos Trabalhadores: dinheiro na escola, transporte, merenda, livros, universidades novas, cotas, financiamento para a educação superior etc. No concurso que fiz para a UFS, ninguém mais se inscreveu. Ocupei uma das seis mil vagas liberadas para aquele ano, de uma só vez.

Hoje tenho dois diplomas de doutorado, uma dezena de livros e mais de vinte orientações de pesquisa sobre o mesmo assunto, mas o reconhecimento que desejava nos tempos de graduação, ainda não veio. Sempre que estive prestes a atravessar a fronteira, dei um jeito de estragar as coisas.

Mas isso é bobagem. Apesar de viver uma espécie de ostracismo precoce, tenho certeza de que fusão da utopia educacional burguesa da minha mãe e a política de reconhecimento de direitos implantada por Lula me fez uma pessoa diferente, entre os milhares de brasileiros da minha idade.

Se um dia for convidado para falar no programa “Roda Viva”, não vou desperdiçar a oportunidade. Iniciarei dizendo como o ideário de um punhado de estudantes universitários e sindicalistas dos anos 80 do século passado poderia ter feito muito mais pelos pobres, se os golpistas não fossem bem-sucedidos desde 2015. E encerrarei reiterando que esse mesmo punhado de estudantes e sindicalistas, hoje professores universitários, empresários, advogados e médicos bem-informados teriam também as suas limitações, pois grande parte da população que votou em Fernando Collor para presidente foi reproduzida nos últimos 30 anos e agora, pelos mesmos motivos existenciais, cognitivos e emocionais, acompanha o presidente Jair Messias Bolsonaro e suas sandices. A consequência mais perversa da desigual distribuição de renda no Brasil é a geração de bolsões de miseráveis intelectuais.

Observe que construímos uma nota autobiográfica especificamente para empregá-la como peça auxiliar de convencimento sobre a complexidade da formação da identidade político-ideológica do professor Itamar Freitas. Em situação didática, esta mesma nota biográfica poderia servir como veículo de representações sobre valores e atitudes de trabalhadores em relação à racionalidade democrática imposta por partidos políticos no Brasil recente. Na impossibilidade de levar vocês à Piabeta, ao final dos anos 1980 ou de fazê-los interagir com as dezenas de pedreiros e carpinteiros que moravam no local, empregaríamos uma vida – a do professor Itamar – para convencê-los de como as pessoas daquela época raciocinavam e de como ele próprio raciocinava em termos de ideais políticos. O que fizemos, de fato, foi uma tentativa de generalização do Eu social a partir de um Eu individual destacado na multidão.

Agora vejamos um exemplo inverso, no qual diversas notas autobiográficas de pessoas comuns que viveram à mesma época fossem construídas e apresentadas de modo justaposto. Nesse caso, a ideia é construir proposições e pô-las na voz dessas

pessoas (fundamentado em fontes criticadas, é claro), de modo que vocês percebam, da mesma forma, como as pessoas raciocinavam, ou seja, como determinados acontecimentos de caráter nacional eram apropriados por aquele coletivo. As notas retratam cinco personagens que viveram no mesmo bairro e vivenciaram a seca de 1985. Como esse fato impactou a vida de cada um? As experiências, referências e peculiaridades de cada pessoa, relacionadas ao fato geral, podem impactar de forma diferenciada?

Quadro 5.4

De agricultor à funcionário público: a memória de um sucesso

Meu pai, José Dias, nasceu em 1925 em uma família numerosa (17 filhos) no interior da Paraíba. Trabalhando na agricultura desde os 7 anos, na adolescência aprendeu a arte da marcenaria e da construção de casas. Construiu a sua própria em uma “ponta de rua” da cidade de Pirpirituba e para lá, levou minha mãe após se casarem na missa das 06 da manhã do dia 30 de setembro de 1949.

Acompanhou um político local da UDN na campanha pela prefeitura e como não conseguiram êxito, mudaram-se para a capital. Meu pai em busca de melhores condições de vida, após trabalhar como pedreiro viu a oportunidade de ingressar na recém fundada Faculdade de Medicina como funcionário. Seu trabalho seria o de embalsamar cadáveres para estudo dos futuros médicos e, apesar de ganhar menos que na construção civil, entendeu que a segurança de um salário fixo seria mais adequada para sustentar família.

Em 1960 com a federalização da Universidade da Paraíba se transformou em funcionário público e além de ganhos monetários não precisou mais fazer serões. Essa trajetória foi inúmeras vezes contada aos filhos, como símbolo de esforço e sucesso por merecimento. Ser trabalhador, não ser preguiçoso, era a qualidade mais enaltecida por José Dias.

Apesar dessa trajetória na cidade, a referência do plantar e colher sempre se manteve presente. A preocupação com a regularidade das chuvas e os perigos de estiagens prolongadas atormentava-o.

Entre 1979 e 1983 quando se viveu uma das grandes secas do Nordeste, se vivia na casa de meus pais como se estivéssemos na roça. Rezas por chuva, ajuda aos familiares necessitados, uso racionado da água em casa e o medo dos saques eram constantes na casa de José Dias. Não, à toa, as músicas de Luiz Gonzaga eram as suas preferidas e quando faleceu aos 92 anos com a doença de Alzheimer, uma das suas memórias mais constantes era cantarolar: “quando a lama virou pedra e mandacaru secou...”

Quadro 5.5

Não está chovendo: ainda bem!

Maria Margarida Santos Dias, minha mãe, nasceu em 1927 no sertão do Rio Grande do Norte, em uma cidade chamada Lajes, cujo grande referencial é a pedra do Cabugi. Na sua infância escutou muito que Lampião poderia invadir a cidade como havia feito pelas bandas de Mossoró. Isso lhe metia medo, como também causava os raios e trovões que faziam a festa dos habitantes da região, anunciando as chuvas.

Apesar de viver em uma fazenda cujo pai era administrador e fazer atividades como apanhar feijão, sua deficiência física a habilitava mais para serviços da casa do que o trabalho (mais) duro da lavoura e, assim, se interessou desde muito cedo pela costura.

Aos 19 anos, junto com a família, migrou para o Brejo paraibano e encontrou parentes. Tios e primos e um deles que viria a ser seu marido. Com uma das primas, fez uma sociedade e adquiriu sua primeira máquina de costura e, desmontando os vestidos das primeiras freguesas, aprendeu a cortar e costurar.

As referências de agricultura eram, portanto, associadas ao sertão onde morou, ao medo dos trovões que a imobilizava e a um lugar onde não queria estar.

Em 1983, com a referência da estiagem, lamentava pelos sertanejos como chamava a qualquer homem do campo, mas ficava feliz de saber que não sofreria com o terror que sentia das chuvas fortes, raios e trovões. O período de chuvas, quando se aproximava, para ela, era um sofrimento.

Só voltou a Lajes quando sofria da doença de Alzheimer, por volta dos 80 anos. Não se lembrou do Pico do Cabugi, mas lembrou da Serra do feiticeiro. Possivelmente porque, para ela, o sertão, sinônimo de distância extrema e de um passado remoto, associado ao medo tinha a ver também com o sobrenatural. Olhava para o céu, não para admirar, mas para saber se deveria se proteger ou não.

Quadro 5.6

Nordeste Já – Chega de Mágoa

Em 1985 houve uma campanha para ajudar aos que sofriam com a seca. Michele, filha de um professor universitário conservador e de uma dona de casa vivia sua vida tranquila de adolescente dos anos 80. Gostava de músicas dançantes e jogar vôlei aos sábados no quintal da avó com as amigas e os amigos.

Chuva ou sol eram referências para saber se daria praia no final de semana ou diversão com as amigas no passeio do calçadão, o famoso “quem-me-quer”. Seca, não fazia parte das suas preocupações.

Contudo, ver tantos artistas mobilizados para cantar em coral, que “chega de mágoa, chega de tanto penar” e “quero água de beber”, atiçou a curiosidade daquela moça sobre o que estava acontecendo.

Estudante de colégio tradicional de freiras, questionou a professora de Geografia, afinal, por que a seca era um problema para o Nordeste? Assistiu a professora explicar que, periodicamente, nossa região sofria com esse fenômeno e que, naquele momento, vivíamos umas das maiores estiagens registradas, desde que os órgãos estatais passaram a compor dados nesse sentido.

Léa se viu mobilizada por dois fatos: os dados que a professora explicava, ela queria entender mais, mas também pelo poder de organização coletiva, expressado pela performance dos artistas cantores que por meio daquele vinil que foi vendido aos milhares, ajudavam com seu ofício, aos habitantes do Nordeste, aos que precisavam.

O pai de Michele ficou preocupado. E se ela começasse a se interessar por organização, ações coletivas, agir, pensar... Como um fato que não dizia respeito diretamente a pessoas vivendo em uma capital, poderia modificar a vida de uma adolescente assim?

Michele se interessou por estudar, assistir jornais televisivos, discutir o que escutava, pensar sobre si e seu entorno. Me encontrei com ela há alguns anos, continuava bonita, casou-se e disse-me que a partir daquele momento repensou muita coisa, inclusive, sua sexualidade. Ela está casada com Renata e adotaram um menino.

Quadro 5.7

IV Centenário da Paraíba: livros, seca e migração

Berta tinha seis anos quando migrou do sertão para a capital em 1985 junto com a família. Saiu da cidade de Patos e foram tentar a sorte na capital. Se instalaram em um barraco no Distrito Industrial e os pais matricularam as crianças na escola pública mais próxima.

Os pais de Berta viviam como meeiros no sertão, mas a estiagem inviabilizou a lavoura e o pagamento do uso da terra. Na capital, as políticas públicas eram mais presentes, daí a escolha.

Em 2001 quando conheci Berta ela era aluna ingressante no Curso de História da UFPB, o mesmo que fiz, mas completamente diferente como resultado das políticas neoliberais dos governos Collor e FHC. A aluna tinha muitas deficiências nas práticas de leitura e acesso a bens culturais, mas uma enorme vontade de aprender.

Quando, um dia, referenciei que durante o IV Centenário da Paraíba em 1985 foram publicados pelo governo do estado uma média de 115 títulos diferentes entre Literatura e História paraibanas, ela me disse que lembrava das distribuições dessas publicações e que na casa dela algumas foram usadas para fazer fogo, pois entre cozinhar um pouco de feijão ou arroz e a leitura, a sobrevivência falou mais alto.

Apoiada pela rede de colegas estudantes e participante de movimentos sociais no bairro que morava e ativista por direitos sociais, Berta usava toda sua experiência de migrante, moradora da periferia, aluna de escola pública, mulher, para acessar os estudos e dialogar com as teorias que explicavam sua condição e da maioria da população brasileira e mundial.

Quadro 5.8

Se ensina história como se aprende história: o que eu faço com os saques?

Sou Margarida Dias, professora universitária. Dos 10 aos 15 anos estudei em um colégio privado no bairro de Jaguaribe. Escola de pobre, com bolsa de estudos dada por um político profissional do estado. Aprendi pouco sobre tudo e não gostava de onde estava. Mas era obrigada a ir para a escola e devia cuidar em dar um jeito de não ficar em recuperação. Reprovação, nem pensar!

Consegui sair de lá e ser aprovada para fazer História na Universidade Federal da Paraíba. Não sei como. Mas era a realização de um sonho. Em 1985 comecei a dar aulas na mesma escola que estudei. Ô sina! Usei como laboratório do que desde o primeiro semestre no Curso escutei: se ensina história como se aprende história.

Meus professores que afirmavam tal coisa esqueceram de olhar para os lados e verem que nós não aprendíamos história de uma só forma, então, como eu deveria fazer? Como aprendi com meu pai e avó – ouvindo suas memórias? Como eu aprendi com minha professora Socorro da sétima e oitava série – copiando o texto do quadro? Como eu aprendi com minha professora de OSPB, Madeleine – que me fez dar uma aula sobre etnia? Como eu aprendi com minha professora de História Antiga – lendo os textos de Ciro Flamarion? Como eu aprendi com Laura Helena em Brasil Contemporâneo – analisando textos de Francisco Weffort? Como?

Ao entrar na oitava série do Instituto Paraibano “Afonso Pereira” em novembro de 1985, havia ocorrido um grande saque no Supermercado Bompreço um dos maiores e mais conhecidos de Jaguaribe. Na sala não se falava de outra coisa, inclusive, porque muitos dos que ali estavam sofriam com a recessão, crise, inflação e desemprego vivenciado pelos pais.

Acompanhando o livro didático que alguns tinham eu deveria dar aula sobre o Império Romano, o programa estava muito atrasado pelas sucessivas entradas e saídas de professores de História e eu não poderia postergar ainda mais. Além disso, eu não sabia sobre saques, nem sobre História da Paraíba e nem sabia como justificar algo desse tipo como aula de História.

Naquele dia decidi que alguém teria que me explicar tudo isso e que eu deveria ir em busca de livros e estudos que me ensinasse sobre aquele meu dilema. Eu não queria só fazer o curso de História, eu queria ensinar História e queria aprender. Queria, sobretudo, que estudar fosse sinônimo de libertação. A seca e os saques me fizeram livre.

Depois de acompanhar o segundo experimento, esperamos que vocês tenham percebido que tanto a narrativa sobre o professor Itamar como a narrativa sobre os familiares e amigos da professora Margarida seriam (e são) instrumentos de convencimento e de persuasão democráticos. As narrativas sobre as histórias de vida são elementos de demonstração e de reflexão sobre a experiência dos outros e, simultaneamente, de autorreflexão por parte do leitor. Elas possibilitam aos alunos a compreensão de que as pessoas enfrentam problemas em sua vida, refletem sobre e tomam decisões a partir de conceitos e de valores adquiridos no seu entorno social, isto é, no seu espaço e no seu tempo. Esses conceitos e valores de cada personagem podem ser relativamente divergentes daqueles cultivados pela comunidade e resultar em

decisões e ações individuais semelhantes. Mas também podem ser iguais aos cultivados pela comunidade e, numa mudança de sorte (uma leitura, um conselho, uma aula, um filme), provocar decisões e ações desviantes das do entorno. Assim ocorre a mudança histórica.

No exemplo da professora Margarida, a seca de 1983 foi fenômeno que atravessou a todos. Os biografados foram educados no mesmo tempo e espaço e sob semelhantes valores transmitidos por seus pais, católicos, ao menos durante suas infâncias. Mas a relação que os seis biografados construíram com o fenômeno (a reflexão e a decisão sobre a seca) foram diferentes e até divergentes. Para José Dias, a seca era um acidente grave que dificultava a vida de inúmeras pessoas, dentre eles, muitos parentes e a preocupação com o fenômeno e buscar formas de ajudar era a ação necessária. Para Maria Margarida, embora a seca no sertão fosse um mal e ela fosse empática aos necessitados, seu bem-estar por não sofrer com o medo dos trovões era motivo de alegria. Para Michele, o evento seca de 1983 foi impulsionador de uma mudança radical na sua vida e ela lembrará sempre como um momento de inflexão. Para Berta, foi o fato que modificou a vida de toda sua família. Para Margarida foi o desencadeador de reflexões sobre o ensino de História. Para Ana, enfim, a seca era um fenômeno que só ocorria no Nordeste, atingindo os agricultores pobres. A ela cabia, somente, rezar e fazer caridade, quando possível e necessário.

Nesse primeiro momento, importa pouco que concordemos ou não com as decisões tomadas pelos personagens. Importa compreendê-los. Compreender problemas e decisões é bem diferente que imitar decisões tomadas por pessoas exemplares em seus determinados passados. Compreender e sentir-se livre e estimulado a agir são comportamentos desenvolvíveis por um ensino de história exercido sob princípios democráticos. É por essa razão que repetimos tanto as palavras “convencimento” e “persuasão”, em oposição à “imitação exemplar” e à “obediência cega”.

Os modos de viabilizar esta compreensão, são também diferentes. Aqui, empregamos duas variantes de raciocínio. Com o experimento do professor Itamar, partimos da ideia de que uma vida exemplar poderia ser parâmetro para compreendermos a vida de muitos anônimos. Com o experimento da professora Margarida, partimos da ideia de que somente a vida de muitos anônimos tomada em seu conjunto poderia servir de parâmetro para compreendermos o fenômeno da mudança histórica no cotidiano de pessoas comuns, ou seja, o entendimento de como um mesmo

fenômeno pode ser apropriado, refletido de modo diferente e resultar em decisões e ações singulares para cada personagem que o experimentou.

Quando tiverem a oportunidade de experimentar essas e outras alternativas de construção de notas biográficas e/ou autobiográficas, não esqueçam de avaliar o resultado. Anotem principais dificuldades e, principalmente, as partes executadas com facilidade e prazer. Com base nessa avaliação, refaçam a ordem dos procedimentos do quadro 1, acrescentando ou excluindo etapas. Enfim, construam seu próprio “passo a passo”.